



Director literario:

António de Sousa
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Juarez Collares
PAPUSSE



O prémio do Bolo-Rei

POR MARIA ROSA RÉSEDÁ
DESENHOS DE EDUARDO MALTA



EIS de Janeiro, dia de Reis.

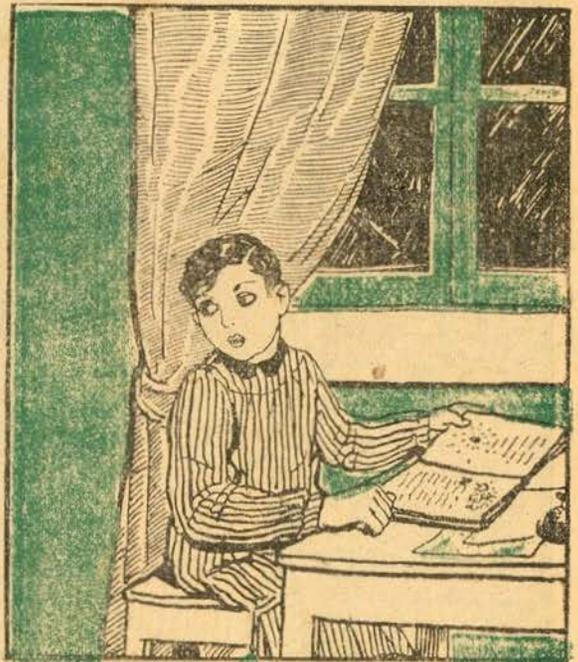
Luisinho está só em casa. Os pais foram ao teatro, e ele, como se está preparando para a primeira comunhão, não foi. As criadas também tiveram licença de sair. Ficou apenas uma antiga, bastante surda, que dormia do outro lado da casa. O pequeno lê a História Sagrada que o sr. Prior lhe recomendou, com muita atenção. Tudo silêncio! A única coisa que se

sente é a chuva batendo contra os vidros e o assobiar do vento. De repente, porém, ouve-se barulho. Luisinho interrompe a leitura e escuta ansiosamente. Não é ilusão, alguém está forçando a porta do jardim. O coração do pequeno bate desordenadamente e, por um momento, tem medo. Mas erguendo os olhos para a imagem do Coração de Jesus renasce-lhe a coragem. Afinal ele está bem guardado, o seu Jesus não deixa que lhe façam mal. Luisinho reza com grande devoção:

«Coração de Jesus, eu tenho confiança em vós».

E espera mais socegado. O barulho aumenta, a porta já deve estar arrombada. A criança apaga a luz e esconde-se atrás dum reposteiro. Alguém entra no quarto caminhando devagarinho.

E' um homem alto, torto, com a fisionomia dura, o rosto emoldurado por espessa barba negra. Traz à cintura uma lanterna de furta-fôgo, numa das mãos um saco com ferramentas e na outra uma grande navalha. E' um ladrão! O





VÊLHINHAS

POR

GRACIETTE BRANCO

DESENHO DE EDUARDO MALTA



EM noites de lua-cheia,
Vão as vèlhinhas rezar...
E ao luar... a fazer meia,
começam-se a recordar:

Depois, já mais crescidinhas,
quando foi da Comunhão,
era vê-las, tão loirinhas,
todas levadas p'la mão!

Depois... os filhos... as noras...
e num viver casto e franco,
as lindas cabeças louras
se salpicaram de branco!

— ... Foram crianças, loirinhas,
todas de branco vestidas,
brincando com bonequinhas,
de fatiotas garridas!

— Cresceram... e em lindo par,
num dia de Sol ingente,
foram, de branco, casar,
levando atrás muita gente...

— O' luar do Céu, tão belo!
Vem beijar outro luar!
O luar do meu cabelo
que não tem Céu p'ra brilhar...

— Com petizas e petizes,
corriam, sempre a cantar!...
[ai tempos! tempos felizes!
Como é doce o recordar!...

! Que lindos foram os dias
todos cheinhos d'amor!...
! Quantas! quantas alegrias,
se recordam com fervor!

— Santas! Oh! santas velhinhas!
De que vale o recordar?!
Vêde as vossas cábecinhas,
que lindas são ao luar...

.....
... Em noites de Lua-cheia,
vão as velhinhas rezar...
E ao luar... a fazer meia,
começam-se a recordar...

OS PALHAÇOS

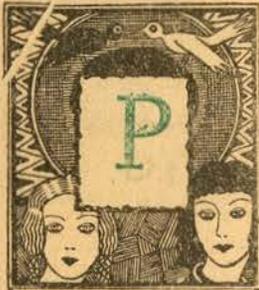
NOVELA INFANTIL

POR

AUGUSTO DE SANTA-RITA

DÊSENHOS DE EDUARDO MALTA

(CONCLUSÃO)



PAULO vendo agora desfeito o encanto de Nucha, — o ídolo que, momentos antes, tão alto colocara na sua imaginação—começava a sentir-se dominado, vencido pela cândida graça, a espiritual inocência de Clara que, toda enlevada nas palavras de Paulo, ia, com tímidos sorrisos, escutando as suas confidências de amor:

— «Clara, gosto muito de si!... Quere ser minha mulher? a futura mamã dos filhos

que Deus nos desse, que passariam a ser todo o meu público... para quem, então, valeria a pena dar cambalhotas, rir, pular, cantar, ser um palhaço, enfim?!»

— «Se quero, Paulo! Que grande felicidade que me deixa antever!...» murmurou Clara com ambas as mãos abandonadas nas mãos de Paulo que nelas depunha, agora, um beijo apaixonado.

Nisto, apareceram Pedro e Rosa, entre portas, e que, presenciando a cena, murmuraram sorrindo, quási ao mesmo tempo:

— «Então que quere isso dizer?!»

Entretanto Paulo, também sorrindo, muito à vontade, com toda a calma, respondeu:

— «Isto quere apenas dizer que eu gosto da Clara; que



a Clara gosta de mim e que nos vamos casar dentro de pouco tempo.

— «E que a Rosa e o Pedro irão ser nossos padrinhos de casamento, acrescentou Clara, sorridente.

— «Então, vamos lá almoçar para, à sobremeza, brindarmos à saúde dos noivos!» exclamou Pedro dirigindo-se com Rosa, Clara e Paulo, para a sala de jantar do hotel.



Terminado o almoço, que decorreu festivamente animado, e paga a conta do hotel, Paulo mandou vir um automóvel de praça que, momentos depois, com ele, Rosa e Pedro, seguiu caminho da estação dos vapores no Terreiro do Paço. E agora, atravessando o rio, sentados no tombadilho do pequenino vapor, embalados no ritmo das ondas tão claras e transparentes, Clara e Paulo noivavam, idealizando a vida côr de rosa do Amor, sonhando venturas mil, fazendo mil projectos.

No lindo passal florido da casinha de Pedro, Rosalina esperava-os. A' sombra da lúcia-lima, o pequenino Paulito dormia no seu bercinho. Sobre uma cadeirinha de verga um biberon vazio, uma roca, uma bola e um boneco de feltro.

Assim que os avistou, Rosa correu para o berço, cobrindo de beijos o saudoso filhinho.

Entretanto, Pedro apontava a Paulo uma linda casinha à antiga portuguesa, quasi fronteira à de Pedro, exclamando:

— «E' tua esta casa. Pertence-te por direito de herança de nossos pais. Manda-a mobilar e faze dela o vosso ninho de amor».

Um mês depois, na ermida de Paio Pires, toda enfeitada de rosas brancas, Padre Brito abençoava o enlace de Clara e Paulo apadrinhados por Rosa e Pedro.

Um ano decorrido, já Clara embalava, em seu colo, um

lindo bebé que fora baptizado com o nome de Pedro mas que todos tratavam por Pedrito.

A casinha de Clara e Paulo era um amor de casinha; cheia de graça e conforto, de bom gosto e elegância. Paulo, que deixara a profissão de palhaço, fizera-se industrial. Todas as manhãs lá ia, com seu irmão, para o escritório da Hidráulica. Clara ficava a cuidar da casa e a olhar pelo seu ai-Jesus, o filho que Deus lhes dera, o adorado Pedrito, que era a alegria do lar:—um luar durante o dia, um sol durante a noite.

A' volta da fábrica, Paulo, ao chegar a casa, envolvia, no mesmo abraço amigo, Clara e Pedrito os seus dois grandes amores. E, à noite, ao serão, vestia o seu trajo de palhaço, colocava-se em frente de Pedrito e punha-se a dar cambalhotas, a fazer piruêtas, a dar saltos, a tocar cornetim, a pular, a cantâr e a rir, fazendo rir, cantar e pular o seu pequerrucho querido.

Epílogo

Vinte anos passados, Clara e Paulito, antigo palhaço transformado num grande industrial, Magdalena e D. Jaime—um fidalgo arruinado com quem Nucha casara,—encontravam-se agora num grande templo, onde um sacerdote unia para sempre, pelos sagrados laços do matrimónio, uma formosa rapariga de dezoito anos e um elegante rapaz de vinte, este chamado Pedro—filho de Paulo e Clara — e aquela de nome Luiza—filha de Nucha e D. Jaime—.

E, enquanto o padre lançava a bênção—(bênção papal)—sobre os noivos, Paulo, filosofando, ro'via de si para si:—«as voltas que o mundo dá!»

F I M



JOÃOZINHO

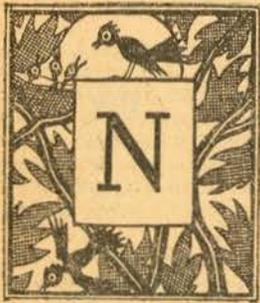
— (CONTO de NATAL) —

— (AO PAPIM) —

Por MARIA ROSA RÉSÉDÁ

Desenhos de EDUARDO MALTA

CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR



O meio da rua, uma mulher muito gorda, rodeada de sacos, cesto se embrulhos, tentava apanhar, muito atarefada, uma enorme porção de laranjas que deixara cair de um cesto. A' sua volta quatro ou cinco garotos, em vez de a ajudarem, riam, troçando dela.

— Malditos, berrava a mulher gorda, vermelha de cólera, não sejam ruins, ajudem-me a apanhar estas laranjas,

por amor de Deus, senão perco o combóio. Ai, minha Nossa Senhora, que já o oiço apitar! O que há-de ser da minha vida! Depressa, sejam caridosos, que, em recompensa, dou uma laranja a cada um. Mas os garotos continuavam impassíveis de mãos nos bolsos, como se nada fôsse com eles. Então, ela, exasperada com tanta indiferença, correu sobre os rapazes, tentando bater-lhes com o chapéu de chuva. Porém, tropeçou numa pedra e caiu, enquanto uma gargalhada geral saudava aquela diversão. Joãozinho que tinha bom coração ajudou-a a levantar-se e apanhou rapidamente todas as laranjas. Depois, vendo que ela já não necessitava dos seus serviços, dispunha-se a continuar o seu caminho; mas a mulher agarrando-lhe um braço não o deixou.

— Muito obrigada, lindo cachopinho, pela tua boa acção, O Menino Jesus há-de recompensar-te porque és bomzinho, Toma lá estas laranjas, pois bem as mereceste.

E a mulher gorda, juntando seis belas laranjas, muito doiradas, queria à viva força que Joãozinho as levasse, mas o pequeno apesar de ser doido por aquela fruta, não quiz aceitar.

— Leva-as, insistiu a mulher, tentando metê-las nos bolsos do Joãozinho mas, vendo que não conseguia, desistiu.

— Dize-me, ao menos, o teu nome cachopinho.

— Sou o «Joãozinho da ti'Engrácia», respondeu o pequeno.

— «Joãozinho da ti'Engrácia» repetiu a mulher, rindo. Credo, que nome tão exquisito! Eu chamo-te só Joãozinho, que acho mais bonito. Pois, Joãozinho, quando quizeres alguma coisa da ti'Zefa do Canto, que é esse o meu nome, vai a Lisboa, segue para Belém e bate à porta do número 44, r/c., na rua Bartolomeu Dias, que serás muito bem recebido.

— Vocemecê vive em Belém, inquiriu Joãozinho muito interessado.

— Vivo, sim senhor, com o meu «home» e há já um bom par de anos. Gosto muito daquele sítio.

— Então, vocemecê, já viu com certeza o Menino Jesus deitado nas palhinhas, numa manjedoura. Já falou com Êle, não é verdade? E Joãozinho esperou, cheio de anciedade, que a ti'Zefa do Canto respondesse. Ela, porém, encarou-o com surpresa, mas depois julgando perceber a pergunta de Joãozinho, exclamou:

— Sim, senhor! Nêstes dias arma-se sempre o presepe em todas as igrejas. Mas em Belém, o mais lindo que lá se arranja, é numa igreja que fica perto da minha casa. O

Menino Jesus, que é todo de louça, é um encanto! Ah, meu Deus, eu aqui de paleio e são horas do combóio. Nossa Senhora permita que eu ainda o apanhe. Senão apareço hoje em casa, o meu «home» que não é para brincadeiras, arma um banzé de todos os diabos. Adeus Joãozinho e, mais uma vez, muito obrigada pela tua ajuda.

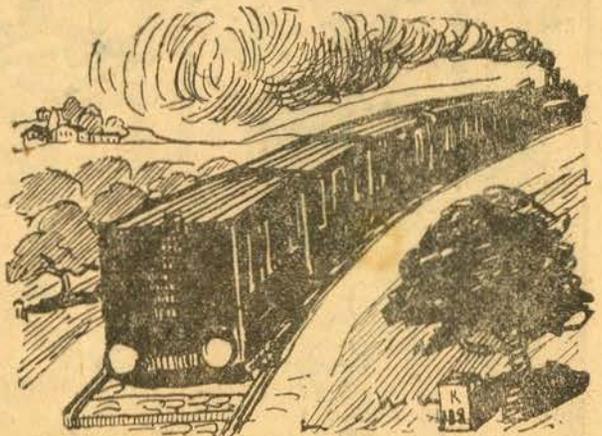
Mas o Joãozinho assim que ouvira falar em Belém, ficara com a cabeça transtornada. Esquecera-se por completo da ti'Engrácia, do presente que havia de levar à comadre Rosa Zabumba e ao compadre Alípio, para só se lembrar que o seu sonho tão ambicionado ia, enfim, tornar-se em realidade. Foi, pois, com os olhos brilhantes de alegria e com voz vibrante de entusiasmo que exclamou:

— Mas eu também vou para Lisboa, ti'Zefa! E depois sigo para Belém a levar êste cesto a uma comadre da minha tia Engrácia.

E Joãozinho fez-se muito vermelho, pois não estava habituado a mentir. Ah, se o senhor Prior ouvisse aquela pêta, que triste êle ficaria! Joãozinho sabia, muito bem, que a mentira era um grande pecado, que é uma acção muito feia, mas o Menino Jesus decerto lhe perdoaria, atendendo a que era a primeira vez que mentia; depois, aquela mentira não fazia mal a ninguém...

— Então, caminhemos depressa, respondeu a ti Zefa, pois já não é nada cedo. Olha, como o teu cesto é muito pesado para as tuas forças, dá-mo, e, em troca, leva êstes três saquitos que pouco pesam.

Quando chegaram à estação, saltaram rapidamente para uma carruagem de terceira classe, pois faltava apenas um minuto para a partida do combóio. E, quando o combóio se pôs em andamento, Joãozinho soltou um grande suspiro de alívio e de contentamento; ia, enfim, falar com o Menino Jesus! Porém, havia duas coisas que lhe pesavam na consciência, que não deixavam a sua alegria ser completa: — a mentira que pregara à ti Zefa e o dinheiro que tirara do envelope para pagar a passagem e que pertencia à ti Engrácia. A tia a cuidar que, àquela hora, o sobrinho se encontrava em casa dos Zabumbas, e êle... Joãozinho, compreendendo que tinha procedido mal, tentou distrair-se para





afugentar aquela sombra, que toldava o céu da sua felicidade e o atormentava, o que conseguiu, não tardou muito. Na Estação Velha tiveram de mudar de combóio. Joãozinho, convencendo-se que já tinham chegado ao seu destino, perguntou:

—Já estamos em Lisboa, ti Zefa?

—Não, meu rapaz, respondeu a ti Zefa, rindo. Isto aqui é a Estação Velha. Temos de mudar de combóio, porque este não segue para Lisboa. Tens de ter paciência, pois ainda falta muito para lá chegarmos. Vai descansado que, quando chegarmos, eu te avisarei.

No outro combóio não havia um único lugar sentado. A ti' Zefa, porém, sentou-se sobre uma mala, que rangeu com o seu peso e ofereceu, amavelmente, um lugarzinho ao seu companheiro, mas este preferiu ir de pé. Joãozinho não perguntou mais nada, durante o resto do trajecto, mas, no íntimo, sentia-se muito aborrecido; achava a viagem muito comprida. Joãozinho pisava, enfim, o solo de Lisboa! Saiu da estação, e, quando se viu no Rocio, julgou que enlouquecia com tanto barulho e tanto movimento. Um pouco atordoado com tamanha barafunda, abria muito os olhos e agarrava-se à saia da ti' Zefa, mostrando uma cara muito aflita.

—Não estejas com medo cachopo; esta gente não te faz mal. Verás como daqui a pouco te habituas a este movimento. Olha, vamos, depressa, apanhar aquele electrico, que vai para Belém.

Dito e feito. Instalaram-se no banco junto do guarda-freio e o electrico partiu. Joãozinho agora já não tinha medo e olhava para tudo cheio de curiosidade.

—Belém! gritou o condutor.

A ti' Zefa, que escabeceava com sono, ergueu-se, reuniu os sacos, cestos e embrulhos e saltou para o chão seguida pelo Joãozinho.

—Pronto, disse a ti' Zefa, chegámos ao nosso destino. E tu, para onde vais agora?

—Eu... tartamudeou o pequeno, queria... vou ver o Menino Jesus...

E Joãozinho olhava de soslaio para a sua interlocutora, esperando vê-la fazer uma cara de espanto. Mas, a ti' Zefa, achou até muito natural aquele desejo.

—Ah, bem sei! Como hoje é a véspera do Natal, queres ir ver o «presepe». Vem comigo, que eu ensino-te a igreja onde é e mais lindo.

Conversando, chegaram à tal igreja. Sentado no adro estava um pequenino côxo, pedindo esmola.

—Adeus, Joãozinho. Desejo-te muito boas festas e um Natal muito feliz.

E a ti' Zefa, depondo dois sonoros beijos nas faces de Joãozinho, seguiu apressadamente para a sua casa. O pequeno, de novo carregado com o seu cesto, quasi não dera pela partida da ti' Zefa. Ficava extático a olhar para uma montra cheia dos mais variados brinquedos. Os olhos brilhavam de cobiça. Por detrás dum engraçado palhaço, divisara uma «camionette», em ponto pequenino, igual à do tio André. Ah, como ele gostaria de a ter! Outra montra, perto daquela, encontrava-se cheia de bolos e apetitosos doces que lhe faziam crescer água na bôca, como se costuma dizer. Ah! se ele tivesse dinheiro!...

Tinha-o ali, era verdade, no sobrescrito, mas não gastaria nem mais um centavo, pois não lhe pertencia. Aquele que tirara para a viagem, havia de arranjar maneira de lá tornar a pô-lo. Quando voltasse para Penacova, havia de pedir ao senhor Prior que lhe valesse. Mas a idéa de voltar para a sua terra natal não lhe agradava nada.

Joãozinho deixou as montras, deitando-lhes um último olhar de tristeza e, resolute, entrou na igreja. O seu coraçãozinho batia-lhe tanto que parecia querer fugir-lhe do peito. A igreja estava deserta. Apenas junto de um confessional, um ceguinho, já de avançada idade, rezava, piedosamente, numas grandes contas. E, lá longe, ao pé do altar-mór, rodeando o presepe, brilhavam muitas luzes.

Joãozinho não se cansava de contemplar o Menino Jesus, Nossa Senhora e S. José, os três Reis Magos, que tinham ido adorar o Menino Jesus e oferecer-lhe ouro, incenso e mirra, os pastores, os boisinhos, o jumento, etc., todo o presepe, enfim. Depois de ver tudo muito bem, curvou-se um pouco e chamou:

—Menino Jesus... Menino Jesus... eu quero faiar contigo... sou o «Joãozinho da ti' Engrácia»... responde-me, sim?...

Mas o Menino Jesus não respondeu, e, Joãozinho, julgando que Ele estivesse dormindo, estendeu o seu bracito magro e tocou levemente na mão do Menino Jesus. Ficou, porém, muito desapontado. A mão do Menino Jesus, em vez de ser mole e flexível, era durissima e muito hirta. O Menino Jesus não falava, nem se mexia como ele, Joãozinho; o Menino Jesus era todo de louça. Afinal o senhor Prior tinha razão! Joãozinho, muito triste e desanimado, sentou-se no chão, e encostando a cabecita ao estrado do presepe, adormeceu profundamente.



Assim que Joãozinho fechou os olhos, como por encanto, tudo se transformou na igreja. O Menino Jesus de louça, começou a animar-se e a mexer-se e, sentando-se nas palhinhas, tornou-se no verdadeiro Menino Jesus. E, então, com uma voz muito suave o Menino Jesus chamou:

—Pai Natal!

(Continua no próximo número)

Continuação do conto O PRÉMIO DO BOLO-REI



— Não, respondeu o homem com voz cava: quando era pequeno aprendi, mas agora já não sei.

— Então ajoelha comigo, que eu ensino-te.

O ladrão obedeceu e Luizinho, pondo as mãos, começou a oração tão sublime:

«Ave Maria, cheia de graça...

Era comovente ver aquela criança ensinando a rezar um homem, um ladrão, que conseguira comover, inspirado pelo Divino Jesus.

— Agora repete: «Coração de Jesus, eu tenho confiança em Vós».

Quando acabaram, lágrimas em fio caíam pela cara do homem que, beijando a mão de Luizinho, disse:

— Obrigado, pelo bem que me fez. Nunca o esquecerei; vou ver se imito o bom ladrão.

Agarrou no saco e saiu. Luizinho que compreendia, ficou olhando para a mão que o homem beijara, onde tinha caído uma lágrima, a lágrima do arrependimento.

Três dias depois, na igreja do Coração de Jesus, Luizinho recebia pela primeira vez Nosso Senhor, com uma verdadeira alegria.

Nas suas orações não se esqueceu de rezar pelo ladrão arrependido, para que Deus lhe dê a fé que lhe falta. E, num canto mais escuro da igreja, chorava um homem conqulsivamente, repetindo muitas vezes a oração, que aprendera:

— «Ave Maria, cheia de graça...

Entretanto as vozes das crianças, elevavam-se num cântico purissimo de graças até junto de Deus.

Quando saíram, um garoto aproximou-se de Luizinho e entregou-lhe uma pequena caixa, dizendo:

— Foi um homem de barba negra que me pediu para a entregar.

Assim que chegou a casa, Luizinho abriu logo o embrulho. No fundo da caixa estava a moldura cravejada de brilhantes e um pequeno papelinho que dizia: — «Perdão».

Vinte anos são passados. Na sacristia estava o Padre Luiz examinando uns papeis, quando entrou um homem de avançada idade.

— Deseja alguma coisa? perguntou o Padre.

— Não me reconhece? respondeu o homem, comovido.

Aquela voz não era estranha ao Padre Luiz, mas, por mais que fizesse, não se lembrava.

— Também não admira, continuou o desconhecido, foi há tanto tempo!

E mostrou-lhe um pequenino coração de Jesus, com os seguintes dizeres:

— «Aqueles que me amam, nunca serão abandonados».

Lembra-se agora? Faz hoje exactamente vinte anos que uma criança conseguiu, com a sua inocência, converter um ladrão. Nem um só dia deixei de trazer comigo o Coração de Jesus, encontrado no bolo Rei.

Foi ele a minha salvaguarda que me ajudou a entrar no bom caminho. Como prometi a essa criança que nunca esqueceria o bem que me fez, de joelhos lhe venho agradecer o ter salvo uma alma.

Antes que o Padre Luiz se pudesse esquivar, o homem tinha-lhe agarrado a mão e beijara-a comovido. E, como há vinte anos, caiu-lhe uma lágrima, mas desta vez a lágrima da gratidão.

F I M